

## A estética e o ritmo como expressões existenciais de um ser frágil e em cuidados

### Aesthetics and rhythm as existential expressions of a fragile being in care

### L'esthétique et le rythme comme expressions existentielles d'un être fragile en soins

*José Manuel Resende<sup>1,a</sup>*

[jmvsr@uevora.pt](mailto:jmvsr@uevora.pt) | <https://orcid.org/0000-0002-7233-2237>

*Maria Rosália Guerra<sup>2,b</sup>*

[rosalia.guerra@ipportalegre.pt](mailto:rosalia.guerra@ipportalegre.pt) | <https://orcid.org/0000-0002-3463-0663>

<sup>1</sup> Universidade de Évora, Centro de Investigação Interdisciplinar de Ciências Sociais. Évora, Portugal.

<sup>2</sup> Universidade de Évora, Instituto Politécnico de Portalegre, Centro de Investigação para a Valorização de Recursos Endógenos. Portalegre, Portugal.

<sup>a</sup> Doutorado em Sociologia pela Universidade Nova de Lisboa.

<sup>b</sup> Mestrado em Gerontologia Social pelo Instituto Politécnico de Portalegre.

## RESUMO

Partindo do acompanhamento feito a uma pessoa em processo de demência continuado e dependente de terceiros, o presente estudo tem por objetivo compreender os envolvimentos que decorrem em ambientes de cuidados, dentro de casa ou fora. Elegeu-se uma abordagem de tipo qualitativo e pragmático-fenomenológico com o objetivo de compreender o objeto, a partir daqueles que o vivem, na relação consigo mesmos, com a alteridade e com o seu entorno. A recolha de dados foi feita por meio de técnicas de observação direta e participante, procurando acompanhar cada ser humano detalhadamente. A partir de uma abordagem microanalítica, foi possível compreender que as pessoas com demência envolvem-se de forma íntima e sensível em experiências de cuidado, o que lhes permite seguir adiante, num ambiente em que se sustente uma estética e uma ritmicidade muito mais afetivas, corporais e emocionais do que racionais.

**Palavras-chave:** Demência; Experiências-limite; Cuidado; Estética; Ritmicidade.

## ABSTRACT

Based on the care provided to a person with ongoing dementia who is dependent on others, the aim of this study is to understand the involvement that takes place in care environments, both inside and outside the home. A qualitative, pragmatic-phenomenological approach was chosen with the aim of understanding the object from the perspective of those who experience it, in their relationship with themselves, with otherness and with their surroundings. Data was collected using direct and participant observation techniques, seeking to understand each human being in detail. From a micro-analytical approach, it was possible to realise that people with dementia are intimately and sensitively involved in care experiences that allow them to move forward in an environment that is sustained by an aesthetic and as rhythmicity that are much more affective, bodily and emotional than rational.

**Keywords:** Dementia; Limit-experiences; Care; Aesthetics; Rhythmicity.

## RÉSUMÉ

A partir de la prise en charge d'une personne atteinte de démence évolutive et dépendante d'autrui, l'objectif de cette étude est de comprendre l'implication qui s'opère dans les environnements de soins, à l'intérieur et à l'extérieur du domicile. Une approche qualitative, pragmatique et phénoménologique a été choisie dans le but de comprendre l'objet du point de vue de ceux qui le vivent, dans leur rapport à eux-mêmes, à l'autrui et à leur environnement. Les données ont été collectées à l'aide de techniques d'observation directe et participante, en cherchant à comprendre chaque être humain en détail. Une approche micro-analytique a permis de réaliser que les personnes atteintes de démence sont intimement et sensiblement impliquées dans des expériences de soins qui leur permettent d'avancer dans un environnement soutenu par une esthétique et une rythmicité beaucoup plus affectives, corporelles et émotionnelles que rationnelles.

**Mots-clés :** Démence ; Expériences limites ; Soins ; Esthétique ; Rythmicité.

---

## INFORMAÇÕES DO ARTIGO

**Este artigo compõe o Dossiê Cuidados em interação: práticas, saberes e reflexividade na saúde.**

### Contribuição dos autores:

Concepção ou desenho do estudo: José Manuel Resende, Maria Rosália Guerra.

Coleta dos dados: Maria Rosália Guerra.

Análise dos dados: José Manuel Resende, Maria Rosália Guerra.

Interpretação dos dados: José Manuel Resende, Maria Rosália Guerra.

Todos os autores são responsáveis pela redação e revisão crítica do conteúdo intelectual do texto, pela versão final publicada e por todos os aspectos legais e científicos relacionados à exatidão e à integridade do estudo.

**Declaração de conflito de interesses:** não há.

**Fontes de financiamento:** O projeto é financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia com a referência UI/BD/151561/2021 e intitula-se "Dilemas do corpo e da identidade nos cuidados à pessoa com doença incurável – uma abordagem sociológica".

**Considerações éticas:** não há.

**Agradecimentos/Contribuições adicionais:** À Fundação para a Ciência e Tecnologia.

**Histórico do artigo:** submetido: 1 fev. 2024 | aceito: 31 maio 2024 | publicado: 30 set. 2024.

**Apresentação anterior:** não houve.

**Licença CC BY-NC atribuição não comercial.** Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

## CUIDADOS, RITMOS E ESTÉTICAS: DOS CONCEITOS À PRÁTICA

A cena na qual Etelvina se vê envolvida constrói-se em torno de um convite ao cuidado que, para se tornar possível, quer para si mesma, que se encontra em fragilidade, quer para os profissionais que o prestam, exige um repensar do conceito de ação cuidativa, um “descompartimentar a noção de cuidado” (Molinier; Paperman, 2015, p. 43). A possibilidade de repensar o conceito permite olhar a própria ação de cuidado, a partir de novas possibilidades, em ambientes e sensibilidades que se ajustam à condição de cada ser frágil.

Para Paperman, levar em conta a importância do sensível no cuidado significa desafiar as fronteiras do sujeito moderno, conhecedor do mundo como entidade descorporificada refugiada na esfera da razão, inserindo o campo dos sentimentos – e a ampla gama de sociabilidades que ele alcança – nas formas de envolvimento com o mundo (Paperman, 2019). Revolver a noção de cuidado aproxima-o de todas as práticas e disposições ligadas à manutenção da vida e do mundo (Tronto, 2013).

O cuidado acontece num entre lugares, o que permite experimentar múltiplas zonas afetivas temporárias que se constituem nas diferentes situações, como cartografias existenciais. A corporeidade (Merleau-Ponty, 1945) e a sensorialidade acionadas integram a ação de cuidar e participam da composição de uma nova estética e ritmicidade (Leroi-Gourhan, 1965) que aproxima quem cuida de quem é cuidado, numa ética sensível.

O ritmo, entende-se, aqui, seguindo André Leroi-Gourhan, como uma composição que, pela motricidade e pelo afeto, torna possível a “inserção na existência” (Bidet, 2007, p. 15). O autor adverte para duas faces muito importantes do ritmo: por um lado, as cadeias rítmicas nas quais é possível ver o gesto repetido como âncora existencial e garantia do equilíbrio do sujeito no ambiente social, seu próprio conforto no seio de um grupo ou de uma relação de cuidados; e, por outro lado, as tentativas de equilíbrio, as acrobacias para manter-se que podem mostrar gestos e sensorialidades que vão além do previsto (Bidet, 2007). Assim, falamos numa estética que se faz existencial e que, indo além das dimensões do belo, se assume como uma estética dobradiça (Leroi-Gourhan, 1965) que abraça os ritmos dos passos, a cadência dos gestos, as diferentes sonoridades e toda a experiência corporal (Böhme, 1993).

O cuidado também se implica com a noção de habitar. O ambiente vivido como habitado (Breviglieri, 2006a) favorece a prática do cuidado. Habitar pressupõe uma familiaridade existente com um espaço, uma relação de estabilidade e de confiança para aquele que o habita. Inscreve-se, a partir dessa definição, uma dimensão do habitar que transcende o território: “[...] o habitar não é simplesmente o que habitamos, mas também, aquilo que nos habita” (Breviglieri, 2006b, p. 1, tradução nossa).

Metodologicamente, decidimos acompanhar casos de pessoas que vivem em processo de demência continuado. A partir de uma proximidade que nasce no interior da relação da investigação, pudemos observar e participar, com as próprias pessoas, de momentos únicos das suas vidas “em vertigem”.

Entre dezembro de 2021 e dezembro de 2023, desenvolvemos o trabalho de campo, que nos permitiu acompanhar, entre vários casos, o de Etelvina. Esses acompanhamentos caracterizaram-se por tempos demorados, decorrendo em longos momentos de copresença e em distintas fases do dia.

Estávamos envolvidos num tipo de investigação no coração (dentro) das práticas, que permitiu acompanhar visitas domiciliares de profissionais em ato que, com recursos de gravações em áudio e registros em diário de campo, permitiu construir análises compreensivas das vivências das pessoas, a partir de si mesmas, procurando perder o menos possível da sua essência.

## SAIR DE CASA: UMA ORDENAÇÃO PARA MANTER-SE VIVA

### Exercitar as faculdades corporais estando juntos(as)...

Etelvina é uma mulher que habita em si, mas já com as fragilidades trazidas pela demência. Nós a conhecemos em sua casa, local onde ainda reside, mas sem a companhia dos seus filhos. Antes ainda de Etelvina apresentar sinais da doença, cada um deles constituía família, deixando de viver com a mãe.

Em sua casa, Etelvina tem sido acompanhada por diferentes profissionais de intervenção social. Os auxílios trazidos são múltiplos e diversos. Ajudam-na a não perder a sua destreza física, mas também a manter, dentro do possível, a sua débil agilidade cognitiva.

A sagacidade demonstrada pelo modo como incumbe a responsabilidade de estar em segurança em casa foi-se perdendo à medida que o estado de demência progridiu com o tempo. A perda de capacidades de se segurar, de se manter de pé em equilíbrio, quer nas lides habituais da casa, quer na sua própria higiene diária, é percebida tangivelmente por uma das filhas que a visita com frequência, mas também pelas técnicas que a acompanham diariamente.

Em certos momentos, a própria Etelvina reconhece essas privações. Antes era uma mulher com grande vitalidade, energia, e provia-se sem depender de ninguém. Agora as dependências são múltiplas e diversas.

E é nesse quadro de uma existência instável que um dos exercícios que as profissionais ensaiam desenvolver tem sido o de tudo fazer para que Etelvina não deixe de conviver com outras pessoas. A primazia dada à convivência não é um desejo seu. Essa senhora entende a sua vida agora para si mesma. Sente-se acanhada ao sair de sua casa, pois ali estão o seu mundo e os objetos que têm estado a traçar a passagem de um tempo sempre amarrotado (Serres, 1996). Mas as profissionais insistem em convencê-la a sair de casa.

Deixar o espaço que habita em si mesma (Breviglieri, 2002, 2006a, 2006b, 2010, 2012, 2017) para outros espaços que são para ela estranhos traz benefícios, informam essas acompanhantes. E é na perseguição dos desígnios traçados dessa forma que Etelvina sai de sua casa todos os dias.

E diariamente está no Centro, na parte da manhã, em convivência com outras pessoas envelhecidas, e que por razões nem sempre semelhantes são ali colocadas para passar o dia em atividades, umas comuns, outras singulares. Esse passa a ser o território de eleição para se deixar estar no seu dia a dia.

O certo é que se trata de um contexto no qual são poucas ou nenhuma as afinidades nutridas anteriormente por cumplicidades afinadas de antemão com alguns dos outros usuários que estão ali com Etelvina. Isto é, não houve combinações prévias para ali estarem juntos, uma vez que, apoiando-se em amizades dilatadas, pudessem antever ser ali um território para continuar a sua conservação, mas aspirando também ao seu aprofundamento.

Estar ali não é de todo em vão, dizem os(as) interventores(as). Sob o desejo das intercomunicações que se podem dar ali, naquele espaço, por estarem a transitar conversas ou a experimentar atividades em grupo quem deles cuida diariamente, quem acompanha Etelvina insiste que a presença dela naquele contexto traz benefícios para a sua existência (Breviglieri; Thévenot, 2023) bem como garante a segurança e a proteção em face de qualquer imprevisto que possa acontecer em sua casa, caso esteja sozinha.

Apesar da gramática de motivos (Trom, 2001) que fazem os técnicos, os(as) profissionais intuírem os benefícios que a estadia pode proporcionar a Etelvina, as manifestações da sua corporeidade dão conta de que ali ela não se sente completamente à vontade. E, se o corpo patenteia hesitações e olhares de faz de conta, informando pela expressão dos olhos que simula estar com certo agrado, as exteriorizações corporais expõem que estar naquele lugar não a relaxa, isto é, ela não se sente descansada, confortada (Breviglieri, 2006a, 2006b).

Por quê? Não se menoriza o efeito da demência. Mas justamente a perda progressiva de faculdades não lhe retira a possibilidade de o corpo informar que ali não se sente como ‘filha de boa gente’. Estar ali diz-lhe pouco. Em termos significantes, naquele espaço, Etelvina não se sente da mesma forma à vontade como acontece quando ela está na sua casa. Definitivamente ela não habita ali o lugar onde se sente acomodada (Breviglieri, 2006b). Privada da sua vontade própria, não se lhe apresenta por agora outra possibilidade.

### **Explorar o comum espreitando as afinidades no lugar do coro**

Ir e vir da casa para o Centro de dia passou a ser atividade habitual. A natureza síncrona do referido trânsito é indiferente para Etelvina. Sabe que não pode deixar de se deslocar para aquele lugar. A frequência em se mover todos os dias em horas constantes, umas para ir, outras para voltar, apresenta-se paradoxal, quando aborda o assunto, quer em alegações breves, quer por outras manifestações corporais. Contrariada ou não, a sua vontade já não impõe outra alternativa (Breviglieri, 2010; 2017; Stavo-Debaugé, 2012a; 2012b).

Ficar em casa sem companhia permanente está fora de questão. E em face das exigências que lhe garantam a segurança da sua existência, deixa-se de lado o seu espaço habitado. Sem ele, perde-se a sua segurança íntima de poder estar e se mover com o conforto que encontra em sua casa (Breviglieri, 2012).

A circulação de casa para o Centro e o inverso, ao final da tarde, não é a única forma de transitar de um espaço para outro. Aquele andar em movimentação constante é também uma forma de tocar em outros ambientes, alguns dos quais, não obstante o hábito, não lhe soam conhecidos.

Apesar de não se exprimir com assertividade apoiada pela lógica, a partir de seu corpo é possível perceber as suas reticências, a começar pelas omissões da sua fala, que deixam antever hesitações e, sobretudo, dúvidas. Na verdade, para Etelvina, estar no Centro não preenche o vazio deixado pelo seu olhar distanciado sobre as pessoas e as coisas (Breviglieri, 2014).

É difícil pressupor que as profissionais de intervenção social tenham noção cabal do desafeto que Etelvina expressa pelo seu corpo a propósito dessas deslocamentos obrigatórios. Sabe-se que de vez em quando precipitam-se naquelas viagens uns desvios que vão desaguar em outro lugar que a senhora ainda reconhece como tendo sido o seu espaço predileto.

Trata-se do seu grupo de cantares. Etelvina pertenceu a um grupo de música popular durante longos anos. Deixou de o frequentar de um dia para o outro, não por sua vontade mas por decisão dos filhos. Continua a mostrar, diariamente, marcas de que esta experiência ainda lhe é significativa. Foi impulsionada para ir ao evento do grupo por uma técnica de apoio social que a acompanha no centro de dia que frequenta. A intenção de participação nesta atividade tinha como objetivo melhorar o bem-estar desta mulher. Segundo nos informa a profissional, Etelvina tem-se manifestado deprimida e triste, as memórias que tem mais preservadas são aquelas associadas à música, que trauteia sem seguir uma composição ordenada.

Em tempos passados, Etelvina apresentava-se como uma das senhoras não só mais assíduas, mas, sobretudo, com um forte compromisso com as atividades promovidas por esse coletivo. Sua vinculação não se resumia à sua presença naquele espaço nem ao seu envolvimento com o repertório das canções, isto é, nos exercícios de afinação das vozes e no saber de cor os poemas de cada uma das canções escolhidas para as atuações previstas. Suas ações nessas atividades expressavam seus compromissos (Breviglieri; Thévenot, 2023; Thévenot, 2011), de um lado com o canto, e do outro, com a convivência favorecida pelas sociabilidades ali tecidas com determinação.

Estava ali de corpo e alma. E aqueles engajamentos faziam elevar o lado emocional (Thévenot, 2002, 2011, 2017, 2020b; 2023) para além da utilização adequada do seu senso, cuja razoabilidade se acomodava às diversas situações com que se confrontava quando ali estava a cantar num coletivo de vozes.

O que se esperaria num momento inicial, seria a capacidade de acertar o seu timbre e ajustá-lo aos outros sons, que mostravam diferentes intensidades. Nesse confronto de sons, o seu não se igualava aos outros, e o

inverso era também verdade. Mas a aparente desordem dos sons escutada pelas distintas intensidades dos timbres conferia, ao conjunto do coro, de um lado, sua singularidade, e, de outro, a harmonia, que deles era possível retirar tendo em conta a natureza particular de cada repertório.

No repertório destacava-se também a inclusão de poemas da sua autoria. E esse seu envolvimento como autora de canções musicadas pelo coro expressava um compromisso de outra natureza com aquele coletivo (Thévenot, 2002, 2011). O simples fato de estarem no repertório bastava para o seu reconhecimento. Era uma das autoras de poemas selecionados para animar não só os exercícios que o coro se propunha a fazer nos ensaios, mas também quando cantavam num evento perante uma audiência conhecida ou desconhecida.

Na verdade, o grupo do coro era um espaço no qual os apegos eram visíveis. Ali Etelevina se sentia em casa (Breviglieri, 2017; Thévenot, 2011). E sentindo-se em casa dispunha de uma segurança íntima de se encontrar com um todo, um à vontade, de modo descontraído (Breviglieri, 2012). A distensão corporal era um desses sinais. Mover-se com vontade não a impedia de se pôr à vontade. São sentimentos expressos em momentos de coordenação consigo mesma, mas também nas transições comunicacionais impressas na maneira como ela maneja seu corpo perante o grupo (Thévenot, 2011, 2017).

Num lugar-comum como esse, eram referenciadas as expressões pessoais, tendo em vista que o grupo encontrava ali um terreno propício para se dilatar, pois havia condições para seus membros manifestarem preocupações, receios e outros sentimentos e emoções (Thévenot, 2002, 2017, 2020a). Não havia lugar para a vergonha nem para a timidez. A desinibição era o mote expresso pela sua postura corporal.

De soslaio compreende-se como Etelevina ensaia ligar-se aos outros. O cancionero no qual se encontram poemas seus é uma das pontes em que a sua personalidade se manifesta naquele coletivo. Está ali impressa a confiança que deposita em si (Cohn, 1998; Luhmann, 1996; Mota, 2016; 2017; Ogien; Quére, 2006; Quére, 2011), mas também a fidiúcia como é tratada por quem está vinculado(a) às atividades do coro.

A projeção de si mesma como promessa do seu envolvimento para com a causa da existência do coro aparecia mediada pelas vinculações estabelecidas com o repertório do cancionero. Esse acontecimento demandava a responsabilização de todos(as) e de cada um(a) para essa causa comum. E esses engajamentos exigiam a criação de meios de coordenação de ações plurais, que conjugassem as formas de coordenação individuais com as formas de coordenação coletivas (Boltanski; Thévenot, 1991; Thévenot, 2011, 2014).

Os ensaios serviam de passaportes para aquelas realizações. Aviavam outras possibilidades, como os exercícios corporais a que as técnicas vocais davam o seu assentimento.

A duração daquele tempo conferia a possibilidade de se observar como se articulavam as técnicas de si mesma (Mauss, 1997) baseadas nos usos adequados das vocalizações emprestadas pelas canções do repertório com a gramática das afinidades comuns (Thévenot, 2011) que cotejava a formação da comunalidade representada pelo conjunto dos membros do coro. Por aqueles objetos intermédios, como o cancionero, os(as) participantes comprometidos(as) com a grandeza do coro partilhavam naquele espaço lugares-comuns (Thévenot, 2017). Isto é, ganhavam espaço e tempos para tecer apegos, partilhar preocupações e cimentar sentimentos comuns que extravasam aquela comunalidade.

As afinidades pessoais, por exemplo, com o repertório inscrito no cancionero permitem a tangibilidade dos lugares-comuns e das afeições que nutrem sobre aquele objeto. Ali há outra ambiência (Breviglieri, 2013), pontuada pela familiaridade com que se age, para enaltecer as cantorias do coro. São compromissos tecidos pela proximidade que o hábito de estarem juntos(as) para cantar em conjunto não só viabiliza como impele o desejo e a vontade de estarem num trabalho em comum, transitando de situação em situação. Etelevina sentia-se como peixe na água. Isto é, o coro é o seu espaço de apegos. Apresenta-se pontuado por lugares-comuns (Thévenot, 2017) que lhe assentam como uma luva.

Dito de outra maneira, nesse espaço o seu corpo desengonçado amoldava-se de tal maneira que conseguia ajustar-se às ambiências (Breviglieri, 2013) que reconhecia mal entrava no recinto. Isto era outrora.

Em face dessas experiências passadas, mas marcantes, as interventoras elegem esse local como um espaço para revisitações esporádicas. Talvez esses contatos a façam sentir-se mais ajustada às situações nas quais pessoas e objetos contribuam para se sentir mais confortável. Sendo incertos os efeitos da revisitação, esta é mantida. Talvez Etelvina ainda consiga reconhecer aquela ambiência, mesmo que timidamente.

## CHEGAR AO CORO: AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES

### ...Do espanto e do mutismo como abalos comoventes ao entrar

Num dia de ensaios do coro, uma das profissionais de intervenção que apoia Etelvina incita-a a visitar os membros dessa agremiação. Não foi fácil convencê-la a deslocar-se ao local.

No quadro clínico da sua doença, a ausência de referências instalou-se no domínio das suas memórias. Ir e estar no coro pouco lhe diz respeito. Do seu corpo já não transparecem sinais que permitam ajuizar que Etelvina consiga discernir alguma coisa significativa sobre o coro. Quando a palavra lhe é lançada como desafio, do seu corpo não sai nada que induza que ficou contente por haver uma oportunidade de reencontrar aquele espaço (Breviglieri, 2008).

Quem está por perto não tem a certeza de que Etelvina identifica a ida ao coro como uma atividade que reconhece como boa para si mesma. Quer pela fala, quer pela gestualidade das mãos, ou mesmo do corpo, quer ainda pelo seu rosto (Leroi-Gourhan, 1965), nenhum testemunho mínimo nos é oferecido que autorize a se pensar que essa senhora tem uma noção do local que é convidada a ir.

Não há uma recusa em deslocar-se até lá. Mas também não se vislumbra qualquer ação de entusiasmo. Não se previa excitação, mas talvez algum sinal de vontade, mesmo que um tímido desejo de ir até ao coro. Etelvina move-se arrastando o corpo, seguindo as orientações de quem propôs aquela visita. Ora, basta ter-se presenciado e anotado as suas primeiras impressões que mal chegara lá se confirma que o seu espírito vagueia pelo espaço sem reconhecimento.

Agora, com a degradação capacitária (Breviglieri; Thévenot, 2023; Genard, 2009; 2013), ajusta o seu corpo com outra tibieza. Mas esse desprendimento não impede que exale momentos em que o seu corpo dê sinais de que reconhece as afinidades e os apegos de outrora (Breviglieri, 2010).

Os timbres das vozes são agora os objetos intermédios (Thévenot, 2017) que, tal como o cancionero, viabilizam as suas identificações com aquele espaço. E, se os momentos são mais exíguos, seu caráter minguido não impede que as afinidades e os apegos apareçam, mesmo com compassos mais descompassados (Bidet, 2007).

Se a arritmia expressa a confusão que perpassa pelos seus olhares, a sua expressividade corporal marca outro ritmo (Bidet, 2007). Avança com outras cadências, compassos que mostram que ainda existem âncoras nas quais se fundam as suas formas plurais de identificação com o coro.

Na verdade, é o lugar que ainda exala um “perfume” que é, justamente, o seu, porque permanecem vivas as imbricações que Etelvina teceu num passado. A estreiteza daquelas ligações faz com certas vozes e rostos lhe sejam familiares – o que a faz reconhecer que aquele ambiente faz sentido (Breviglieri, 2020; Breviglieri; Thévenot, 2023). O ar perdido que o vaguear do corpo sinaliza é contraposto aos cruzamentos dos olhares e dos gestos de Etelvina para com outros membros do coro que continuam a ser significativos para ela.

Apesar dessas impressões ambivalentes, o seu olhar apresenta rigidez ao aceder àquele espaço. Ao entrar no coro, transita de cenário em cenário sem se fixar em nada em particular.

*Olha para tudo o que está à volta sem, numa primeira fase, segurar o olhar em nada em específico. Avançando no espaço, para perto dos companheiros, exterioriza uma expressão facial de surpresa, curvando as sobrancelhas e demonstrando os olhos e a boca bem abertos. (Diário de campo, 26 maio 2023)*

O ar abismado como reage quando se aproxima dos(as) antigos(as) colegas do coro confirma que ficou surpreendida ao se deparar com aquela situação. Há no espanto a confirmação de que a ida ao coro tinha deixado de ser uma atividade habitual (Stavo-Debaugé, 2012a, 2012b).

A estética do seu rosto exibiu assombramento. Foi mais de admiração, mas simultaneamente de susto. Não esperava que esse encontro se desse naquele dia. Se houve algum aviso anterior acerca dessa ida ao coro, integrado a um planejamento de atividades acordado, a admiração de Etelvina rasga, por completo, a lembrança do combinado. O pasmo manifestado faz prova do estado limite de Etelvina (Breviglieri, 2008). Seu bloqueio sensorial demarca bem as dificuldades em hoje retirar desse encontro uma experiência que possa beneficiar a sua corporalidade como um todo (Stavo-Debaugé, 2003, 2012b).

Deu-se um impedimento de abrir aquele espaço com o qual estivera tantas vezes vinculada, e, por isso, quem ali estava não recebeu dela qualquer manifestação que tinha havido naquele contexto lembranças e memórias coletivamente tecidas, incluindo nessa tessitura a própria Etelvina (Breviglieri, 2012; Breviglieri; Thévenot, 2023).

Antes de qualquer cumprimento esperado ao chegar, o mutismo tomou conta do ocorrido. O estado limite em que se encontra não tornou possível que esboçasse um som. Isto é, da sua face não surgiu qualquer delineamento em que pudesse soltar da boca ou sons ou uma mera curvatura do rosto que desse sinal de que estava a saudar os(as) colegas do coro (Breviglieri, 2008).

Esperar agora que fosse possível integrar na vida dessa senhora qualquer plano que esboçasse algum gesto racionalizador, a partir do qual pudesse se preparar para os possíveis e previsíveis embates com a experiência retirada desse acontecimento, não era uma perspectiva viável a essa altura.

A lógica preparadora passa mais por conjugar conviências oscilantes com as suas percepções sobre as rotinas da sua existência, de maneira que possibilite captar ressonâncias de fios gerados entre Etelvina, as suas acompanhantes e os outros atores. Toda a ocorrência tem de ser permanentemente acompanhada por uma encenação que possibilite uma atmosfera em que se soltem gestos relaxantes. Esses gestos passariam pelo humor, por sorrisos, de maneira a reduzir cargas nocivas de situações dolorosas que impeçam a libertação dos lados sensíveis resultantes desses encontros agora muito menos frequentes (Breviglieri, 2012, 2014).

Ter em conta as ambiências é decisivo, em face de suas limitações cognitivas. A estética e o ritmo precisam mais do que nunca do ressoar dos gestos sensíveis, com que se deve brindar a Etelvina desde o momento em que ela entra no recinto até o fim da situação circunstancial em que se conta com a presença dela. Sem compartilhar com ela a experiência daquilo que é agora insensível, abrindo-lhe percepções sensíveis que outrora vingavam e agora, não, não é possível criar nela sensações positivas, que antes aconteciam, e que nesse momento atual estão entorpecidas, isto é, sem energia nem vitalidade. Sem isso, a afetividade procurada desvanece-se, porque a surpresa, em vez de criar tensão positiva, ao quebrar outras rotinas do seu discernimento, gera o oposto, ou seja, o mutismo que nada mais é do que um travo – uma imobilização dos seus sentidos (Breviglieri, 2008; Thévenot, 2017, 2020a).

### **...Ao chamamento “*chega-te a nós, Vininha*”**

Na verdade, as cantorias em grupo já não faziam mais parte das suas rotinas. Tendo em vista que as idas até lá deixaram de ser uma prática constante, ou seja, um costume – pois que não sabe o que fazer com as outras pessoas que lá estão –, o alinhamento dos corpos do coro, prontos para atuar, constitui-se numa cenografia que escapa ao seu entendimento. Nem os objetos que os homens e as mulheres do coro seguram são reconhecidos por ela.

Etelvina não mostra qualquer reação de familiaridade com os objetos que são utilizados pelos elementos do coro. Os três artefactos comuns a todos: o cancioneiro; a pandeireta e o traje uniformizam a aparência dos diferentes elementos do grupo. No entanto, esta imagem coletiva não desperta nela qualquer sinal de identificação.



Tudo indica que ela não sabe o que são e para que servem, isto é, qual é a função e a utilidade de cada um dos objetos mencionados. Etelvina está irreconhecível no contexto. É imperioso notar que a sua postura embaraça os membros do coro (Stavo-Debaugé, 2012a, 2012b). É por todos sabido que Etelvina está doente. E não é segredo o fato de que padece de uma demência já um pouco acentuada.

Não sendo uma surpresa geral o modo como ela se manifesta, quando lá chega, certas pessoas tentam fazer de conta e ensaiam gestos para que a proximidade se faça de qualquer jeito. Num dado momento da sua presença, perante o coro já alinhado para os ensaios, quem assume a coordenação do coletivo vira-se para Etelvina e exclama:

*Olha a Vininha! [tratando-a por este diminutivo] Onde tens andado? Nunca sabes às quantas andas, anda junta-te a nós.* (Diário de campo, 26 maio 2023)

O “*não saber às quantas anda*” é uma expressão que revela que o maestro do coro conhece bem o que se passa com essa senhora. Mostra pelo dizer que Etelvina parece meio atrapalhada naquele contexto.

Mais do que embaraçada, essa pessoa nota, pela postura corporal de Etelvina, que ela está desorientada. E o desgoverno exposto aos outros mostra que ela não encontra ordem naquele lugar. “*Onde vim parar!*” – parece ser o grito que vem de dentro, porque o seu corpo já não é o suporte ideal para orientá-la e não se encaixa mais, naturalmente, no lugar que outrora era o seu (Breviglieri, 2008).

As dúvidas espelham o seu olhar, quando vislumbra aquele amontoado de gente pronta para começar a cantar. Como já não se lembra de como se chamam as pessoas, cada uma delas passa a ser um ser que não conta para ela (Taylor, 2005). Contou antes. Agora são-lhe indiferentes, uma vez que o seu corpo não se entusiasma com os eventuais conluios resultantes de chamamentos como aquele. São tramas que já não consegue combinar conferindo-lhes sentidos que fazem hoje parte da sua história passada.

Cada um dos membros do coro é para ela um(uma) outro(a) desconhecido(a). Do outro lado, aquela realidade é inóspita e, por isso, não lhe causa qualquer inquietação. Então, cerra bem os olhos, “afinando o olhar para ver se clarifica o que vê. Inicia piscares de olhos parecendo querer facilitar o processo de clarificação da vista” (Thévenot, 1994, 2002, 2014, 2017).

A fenomenologia do sentir (Breviglieri, 2012; Depraz, 2012; Merleau-Ponty, 1945) parece ser o azimute a que o senso se agarra para se dar a si a noção primitiva que existe perante pessoas que já não reconhece pela razão. É por essa metafísica do sensível que começa gradativamente a perceber que há qualquer coisa ali que o seu corpo sente como seu.

Não tem outro modo para se conhecer a não ser sondando a ipseidade (Breviglieri, 2012; Ricoeur, 1990; Thévenot, 2007) que, instalada no seu corpo sensível, lhe permite aliar a sensação ao sentimento, encontrando nessa combinação a âncora da sua ontologia existencial (Giddens, 2001; 2002; Peters, 2014). É indo por essa busca incessante, aparentemente descontrolada e desordenada, que Etelvina vai intercalando

*olhares sobre si mesma, sobre o seu corpo e os outros, num vaivém desinquieta. Esboça sorrisos feitos “à boca pequena” de disfarce do estado de confusão, que transmitem uma segurança instável que são acompanhados de olhares desconfiados.* (Diário de campo, 26 maio 2023)

Quando Etelvina entra no espaço do coro, a sua atitude parecia quase caricata, acompanhada de um semblante confuso. Ainda assim, não desiste, não mostra sinais de querer ir embora. Quando os sons da música iniciam as modulações das vozes que cada canção do repertório requer que aconteça na prática, seu corpo inicia um despertar mais incisivo (Noland, 2021).

Na verdade, é por essa via que a postura corporal de Etelvina “*começa a deambular com mais intensidade, em ondulações corporais mais vincadas que amolecem os movimentos do corpo*” (Diário de campo, 26

maio 2023). A música dá um ritmo novo aos seus passos, enquanto ela própria começa a soltar baixinho um murmúrio cantado: “*Hummm, hummm, hummm*”. Isto é, são os sons, com as suas cadências, com os seus ritmos (Bidet, 2007), que permitem que o seu corpo se liberte de uma letargia incomodativa, mas que a não fazia desistir (Breviglieri, 2012). O seu corpo exhibe ritmo mesmo que não se mostre exuberante.

De fato, os sons são as circunstâncias da epifania intuitiva que faz com que o seu corpo revele que aquele espaço ainda lhe diz algo que parecia estar submerso nos confins do esquecimento. Ora, *o trânsito sonoro que faz um trajeto combinando sons que advêm dos instrumentos vocais e musicais e que*, ao se instalarem no corpo de Etelvina por diversas entradas, permitem que ela se aperceba do seu entrono, do que está acontecendo ali, mesmo que não consiga verbalizar (Breviglieri; Thévenot, 2023; Noland, 2021).

O verbo não é o seu equipamento central. O corpo apresenta outros equipamentos que só surpreendem quem não é sensível a captá-los com a nitidez que a situação e aquela experiência merecem que se faça sem desinteresse.

Mal os sons se instalam no seu corpo, Etelvina altera a sua postura, dando notas que seguem a dança. De um lado, a sua ontologia existencial ordena que o movimento prossiga. Do outro, essa mesma ontologia existencial requer que a ordem seja performativa, isto é, expressiva, conferindo uma dada estética ao manejar do corpo (Bidet, 2007; Leroi-Gourhan, 1965).

É pela memória incorporada, dos ritmos musicais do seu coro, que Etelvina recupera algum governo de si e um mínimo domínio da situação que a permite manter-se ali. Etelvina conjuga com o rosto e com as mãos dadas performatividades que não só faz compreender que está a acompanhar os ritmos das canções que estão sendo entoadas, mas que aquelas entoações lhe permitem encenar o seu corpo naquele espaço.

**Todo o seu corpo saia em auxílio da sua permanência naquele espaço.** É a Etelvina sensitiva que expressa os seus sentidos. É a estética rítmica do corpo que confere a existência, de um lado, e declara a sua vontade de ali estar, do outro lado (Bidet, 2007; Breviglieri, 2020; Noland, 2021; Stavo-Debauge, 2021).

Arretar é morrer. Então, mantém-se a vaguear por aquele espaço com o corpo ondulante.

*Anda por meio do grupo, sem uma ordem, e detém-se por períodos de tempos diferentes, a olhar para a cara dos seus companheiros, a uns esboça sorrisos, a outros levanta o olhar em sinal de cumprimento. (Diário de campo, 26 maio 2023)*

Não se recorda dos nomes, e, por isso, não os nomeia nominalmente. O equipamento sensorial é o bastante para lhes fazer crer que ali está porque está comprometida com os sons das entoações que fazem em conjunto (Fuchs, 2005, 2012, 2017, 2020). E esse compromisso a faz dar conta de que a sua presença, nessas circunstâncias, faz sentido para todos.

Na verdade, mal se extinguem as sonoridades, o corpo liberto de Etelvina torna-se tenso. E a rigidez da face e do corpo surgem repentinamente. E mostra-se agastada (Breviglieri, 2008).

Os sons são o estrume naquela situação da sua existência. E mal se intensificam de novo o seu corpo volta a deambular, vagueando pelo território, dando mostras de cenografias que se ajustam às sonoridades captadas pelos seus ouvidos. É nos sons que encontra agora a energia e uma certa vitalidade para estar no corpo, nessa fase da sua vida existencial.

### **...Às afinidades eletivas – dos instrumentos e ressonâncias corporais**

Ao longo da atuação do coro nem sempre a atenção de Etelvina esteve ativa. Notam-se deslocamentos entre compromissos ziguezagueantes, por exemplo, quando folheia as páginas do cancionário ou quando levanta o rosto para acompanhar a sinalética do maestro. Não sabe qual é exatamente o seu lugar no coro.

Na verdade, os deslocamentos alternavam-se entre manter-se num lugar ou mover-se para um outro não tão distante do anterior. De qualquer maneira, os balanceamentos corporais não seguiam qualquer

plano. A orientação seguia o ritmo epidérmico em que, apesar de não ser superficial, porque seguia um seu compasso, as cadências nem sempre se conjugavam entre si (Noland, 2021; Stavo-Debaugé, 2021).

As dobradiças que seguravam as movimentações do seu corpo não se ajustavam com a perfeição requerida. Entre o folhear da página do cancionário, o trautear da canção, seguindo as suas estrofes, e o balancear do corpo para acompanhar os ritmos das canções, no seu conjunto, a agitação corporal apresentava-se desarranjada.

Usando o balancê como figura de estilo, dificilmente os movimentos corporais na sua totalidade pareciam capazes de regular o passo, ou seja, as ondulações espacejavam mal o cadenciar que era esperado. Não só perdera o hábito de exercer as técnicas de corpo (Ferreira, 2013; Mauss, 1997), que o estar num coro exige, como as dificuldades de execução motora estavam a deteriorar-se com o tempo. Com isso, as habilidades firmadas outrora já não eram passíveis de reparação, mesmo que fosse possível uma intensificação do treino.

Na verdade, a coordenação entre a leitura das estrofes que estavam à sua frente, o olhar para as mãos do maestro, tentado segui-las à risca, a tentativa de acompanhar o ritmo corporal do grupo e conseguir tocar na pandeireta, tudo se tornava difícil para Etelvina.

Mesmo dando conta das afinidades que aquele espaço tinha para ela, já não ensaiava qualquer tentativa de acerto. Os seus compromissos já não eram com um fazer prova dos ajustamentos entre o equipamento corporal e os ritmos, seguindo as habilidades que a energia do seu corpo conseguia outrora transmitir tanto ao coletivo do coro quanto à audiência que assistia aos concertos.

O que o seu corpo agora patenteava era seguir o lado desengonçado de como juntava os sons que ouvia para, a partir do conjunto sonoro escutado, o desconjuntar em outros conjuntos que podiam servir às capacidades rítmicas da sua corporeidade. Dessa maneira, era possível a Etelvina traçar uma trajetória sempre flutuante entre o relaxamento e a atenção, o descanso e o cansaço, a atenção e a dispersão (Breviglieri, 2008; Breviglieri; Thévenot, 2023)

Tudo isso se compunha no ritmar do seu corpo, que aliava sons de impaciência e desgaste com outros que davam conta da distensão possível. Os trânsitos emocionais não seguem uma linha direita. Fazem-se de forma circunstancial, em função daquilo que ia ocorrendo, durante o ensaio do coro.

Num dado momento em que o coro está numa curta pausa, uma senhora chama-a para que se aproxime. Usa o olhar e os toques corporais para orientar Etelvina. A tentativa de timonar aquele chamego não serviu só para que Etelvina se aproximasse dela. O intuito da aproximação tinha outro comando subjacente. Visava recentrar a atenção rítmica, fazendo ver como se marcava a correção dos ritmos. Não eram toques sem fundamento. Não era tocar por tocar. Eram tocadelas que acompanhavam os ritmos das canções (Breviglieri; Thévenot, 2023; Noland, 2021).

E Etelvina apercebe-se daquele auxílio.

*De imediato devolve esses apoios com sorrisos e piscares nervosos dos olhos, mostrando uma ressonância corporal que a mantém viva e minimamente envolvida, intercalando a atenção e a desatenção. (Diário de campo, 26 maio 2023)*

Era por meio de sinais sensíveis e afetivos que Etelvina se mantinha ligada à ação, o que a fazia, em certos momentos, despreocupar-se sobre o acerto a que os demais elementos do grupo respondiam, em função das orientações do maestro. Não obstante ser uma despreocupação que em certos momentos a afligia, uma vez seu rosto, através dos seus olhos, e seu corpo, através das suas mãos, dão conta de que as suas capacitações já não conseguem alcançar uma composição aceitável, em função daquilo que se espera de um membro de um coro. Sua vontade é de continuar a ali estar.

Desconhece-se por quanto tempo. Não havendo um propósito ou uma finalidade previsível nas suas maneiras de agir naquelas situações, Etelvina age como lhe convém para se manter ali, junto dos seus pares (Thévenot, 1990, 2017).

E quando as manifestações angustiantes crescem, uma vez que não está em condições de seguir as exigências, por exemplo, no acompanhamento adequado do uso do cancionero com a arte de cantar, seguindo as regras impostas pelo coro, o seu corpo rapidamente dá mostras desse desconforto.

Deixa de se sentir bem. Experimenta a prostração. E como a exprime? Que referências o corpo imprime para assinalar que estar ali enceta um lado insuportável? Como o expressa pelo seu corpo? (Breviglieri, 2008).

Entre andares inconstantes as suas ações convenientes fazem-na pôr-se de bicos de pés para requerer ajuda. Esse limite é antecedido por outros gestos significantes que dão azo a uma cenografia dilacerante:

[...] *abraça-se a si própria, fechando os seus braços sobre o seu corpo, mostra-se arrepiada e boceja. A exaustão é acompanhada pelo soltar de uma lágrima e procura esfregamente por ajuda.* (Diário de campo, 26 maio 2023)

A chegada da profissional sossega-a, mesmo que momentaneamente. Pede-lhe que se aproxime do grupo. Toca-lhe no ombro (Breviglieri, 2010, 2012).

O ensaio está no seu final. E fica sabendo que vão terminar a atividade com uma visita à sede do grupo, frequentado durante muitos anos por esta mulher que era considerada o “rosto” daquela casa.

É o acaso que promove mudanças repentinas no seu semblante mal entrara na sede do coro? Até lá a observação retinha um corpo gélido pelo tormento por que passara, ao se sentir perdida junto de um coro no qual os seus gestos e os sons da sua voz não recebiam a atenção, nem de si, nem de outrem.

Extraviada do seu corpo, Etelvina se movimenta como se tivesse perdido o seu latim, que se notava pelo manuseio das deambulações corporais quase sem eira nem beira.

Então, o que aconteceu para que a transição da situação anterior para uma outra posterior a fizesse recuperar “alguma leveza dos músculos” que a permitia “*enxugar a lágrima que caía dos seus olhos*” (Diário de campo, 26 maio 2023)? O que aconteceu para que fosse possível revelar de novo a serenidade que lhe possibilitava manter-se ativa? As extensões do seu corpo dão-nos pistas para compreender as alterações visíveis.

Mal entrara na sede do coro, Etelvina depara-se com um conjunto de objetos<sup>1</sup> expostos que lhe eram familiares: trajes do grupo, o seu cancionero e a sua pandeireta. Na verdade, o ambiente desse espaço está cheio de materialidades da cultura coletiva daquele grupo à qual pertencera, antes de adoecer, e com o qual partilhava quando ali estava a conviver (Breviglieri 2006a; 2006b; Breviglieri; Thévenot, 2023).

E esses toques dão-lhe a garantia de que está num local mais acolhedor, mais habitável, porque o seu corpo recolhe o repouso que se ausentara antes. Quando Etelvina tateia esses objetos, abre-se para ela um momento outro em que a timidez dá lugar a um certo alvoroço, porque “*começa a falar de memórias antigas, que aparentam estar intocadas pela doença. Toca nos objetos como quem cuida [...] deles e de si mesma*” (Diário de campo, 26 maio 2023).

A técnica incentiva Etelvina a falar dessas memórias. Engasgada e com voz titubeante, tenta recordar-se de alguns membros do coro, sem conseguir nomeá-los pelo nome, mas dando indicações indiretas, como aquela que cuidava dos gatos e a outra que tocava aquela coisa.

O seu esforço não foi inútil, porque, apesar de não ter conseguido discursar de forma escorreita, limitação que a irritou, deu indicações de que se sentia em casa.

## DE UM DESFECHO COMO PROLUSÃO: O QUE SE ANTEVÊ NAS COMOÇÕES DE UM SER VIVO

Acompanhar de perto essa atividade promovida pela assistente social trouxe à nossa leitura sociológica questões desafiantes. E tais incitações fazem-nos explorar problemas com que se debatem os(as) profissionais

1 Guardaremos para outro artigo a importância dos objetos intermédios que projetam os lugares-comuns que em Etelvina mostram uma relação única e especial. São as fotografias, o cancionero e a pandeireta. Cada um deles enaltece a sua personalidade, e esse engrandecimento dela espelha a estima que projeta neles, como objetos que têm acompanhado a sua vida.

que têm por função seguir seres com fragilidades e vulnerabilidades que se tornam visíveis na maneira como expressam, pelos seus corpos, as suas ligações com os ambientes em que circulam diariamente (Breviglieri, 2020; Breviglieri; Thévenot, 2023).

Na verdade, assumindo a leitura do ponto de vista de Etelvina, falar de atividade, e mesmo de experiência, não faz muito sentido. O desafio feito em ir assistir ao treino do coro é um ato que para ela representa simplesmente um ter de se deslocar até lá, isto é, é a mesma remoção do seu corpo, quando sai de casa de manhã diariamente para o centro onde entra em contato com outros entes vulneráveis que já não reconhece como pessoas.

Seja num local ou noutro, Etelvina já não estabelece qualquer vínculo a partir do qual seja possível imaginar qualquer “ganho” de autonomia (Breviglieri; Thévenot, 2023). Suas ligações com os ambientes pelos quais circula não permitem outra linguagem a não ser aquela que é transmitida pela sua corporalidade (Breviglieri, 2020; Noland, 2021).

Os traços humanos que ainda habitam nela são retirados da sua existência. Nessas idas e vindas, observaram-se o peso das suas dependências múltiplas, de um lado contando sempre com a colaboração da interventora social, quando se sentia desorientada ou mesmo perdida, e de outro, com a compaixão de alguns membros do coro mais sensíveis e mais empáticos (Thévenot, 2002, 2017, 2020a; Breviglieri; Thévenot, 2023).

As técnicas (Mauss, 1997) usadas para contrariar o esquecimento com a finalidade de que a pessoa se esforce para se lembrar do nome de uma pessoa ou da palavra que nomeie um objeto, e, por essa via, lhe atribua o significado da sua função, são investimentos que, não sendo revertidos e anulados, só acabam por reforçar o seu mutismo e agravar o seu alheamento (Breviglieri, 2008; 2017).

São os toques que são reveladores para que essa senhora sossegue, quando no coro se mostra inquieta, aflita, e manifesta o desejo de sair. Ao exteriorizar o lado insuportável de ali continuar, o socorro vem do rosto da assistente social que a acompanha naquela visita (Breviglieri, 2009).

Não o sendo, a sua aplicação produz efeitos de resistência que podem dar azo a situações opressoras para quem está sob sua proteção. Ora, uma das mudanças significativas é justamente modificar o sentido atribuído à noção do seu poder perante esses seres (Breviglieri, 2012; Breviglieri; Stavo-Debaugé, 2006; Breviglieri; Thévenot, 2023).

Resulta desse acompanhamento uma noção de cuidado que possibilita a construção de novos ambientes. São construídos de arquiteturas existenciais e afetivas. É no interior desses ambientes que se experimentam quadros internacionais e transacionais que se constituem como pistas para o trabalho social. A relação de cuidados passa a ser baseada numa estética e ritmicidade muito mais afetiva, corporal e emocional, do que racional, que deve servir como guia para as práticas dos profissionais. Uma vez que esses seres em demência não fazem uso racional dos espaços e ambientes, é através do habitado e das sensorialidades que se envolvem com os profissionais do cuidado, arquitetando relações cuidativas que permitem segurar existências em limite.

## REFERÊNCIAS

BIDET, Alexandra. Le corps, le rythme et l'esthétique sociale chez André Leroi-Gourhan. **Techniques & Culture**, [s. l.], n. 48-49, p. 15-38, 2007. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-techniques-et-culture-1-2007-1-page-15.htm>. Acesso em: 14 maio 2024.

BÖHME, Gernot. Atmosphere as the fundamental concept of a new aesthetics. **Thesis Eleven**, [s. l.], v. 36, n. 1, p. 113-126, ago. 1993. DOI: <https://doi.org/10.1177/072551369303600107>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/072551369303600107>. Acesso em: 14 maio 2024.

BOLTANSKI, Luc.; THÉVENOT, Laurent. **De la justification**: Les économies de la grandeur. Paris: Gallimard, 1991.

BREVIGLIERI, Marc. De la cohésion de vie du migrant: déplacement migratoire et orientation existentielle. **REMi : Revue Européenne des Migrations Internationales**, Poitiers, v. 26, n. 2, p. 57-76, 2010. DOI: <https://doi.org/10.4000/remi.5137>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/remi/5137>. Acesso em: 9 nov. 2023.

BREVIGLIERI, Marc. De la difficulté à entrer en contact. **Ambiances**, [s. l.], 2013. DOI: <https://doi.org/10.4000/ambiances.345>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ambiances/345>. Acesso em: 9 nov. 2023.

BREVIGLIERI, Marc. Fertilités: sur les chemins de collecte des femmes oasiennes (univers végétal, résonateurs cosmiques, soins collectifs). **Anthropologie et Sociétés**, [s. l.], v. 44, n. 1, p. 25-52, 2020. DOI: <https://doi.org/10.7202/1072767ar>. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/as/2020-v44-n1-as05604/1072767ar/>. Acesso em: 9 nov. 2023.

BREVIGLIERI, Marc. L'“épuiement capacitaire” du sans-abri comme urgence?: Approche phénoménologique du soin engagé dans l'aide sociale (gestes, rythmes et tonalités d'humeur). **Rhuthmos**, [s. l.], 14 set. 2014. Disponível em: <https://hal.science/hal-01578020>. Acesso em: 10 nov. 2023.

BREVIGLIERI, Marc. L'espace habité que réclame l'assurance intime de pouvoir: Un essai d'approfondissement sociologique de l'anthropologie capacitaire de Paul Ricœur. *Études Ricœuriennes/ Ricœur Studies*, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 1-20, 2012. Disponível em: <https://hal.science/hal-01578025v2>. Acesso em: 9 nov. 2023.

BREVIGLIERI, Marc. L'horizon du ne plus habiter et l'absence du maintien de soi en public. In: CÉFAÏ, Daniel.; JOSEPH, Isaac. **L'héritage du pragmatisme**: conflits d'urbanité et épreuves de civisme. La Tour-d'Aigues: **Éditions de l'Aube**, 2002. p. 319-336. Disponível em: <https://hal.science/hal-03249508>. Acesso em: 10 nov. 2023.

BREVIGLIERI, Marc. L'insupportable. L'excès de proximité, l'atteinte à l'autonomie et le sentiment de violation du privé. In: BREVIGLIERI, Marc; LAFAYE, Claudette; TROM, Danny. **Compétences critiques et sens de la justice**. Paris: Economica, 2009. p. 1-29. Disponível em: <https://hal.science/hal-01533280/document>. Acesso em: 11 nov. 2023.

BREVIGLIERI, Marc. La décence du logement et le monde habité: une enquête sur la position du travailleur social dans les remous affectifs de la visite à domicile. In: ROUX, Jacques. **Sensibiliser**: la sociologie dans le vif du monde. La Tour-d'Aigues: Éditions de l'Aube, 2006a. p. 90-104. Disponível em: <https://hal.science/hal-03249353>. Acesso em: 10 nov. 2023.

BREVIGLIERI, Marc. Le “corps empêché” de l'usager (mutisme, fébrilité, épuiement). Aux limites d'une politique du consentement informé dans le travail social. In: PAYET, Jean-Paul; GIULIANI, Frédérique; LAFORGUE, Denis. **La voix des acteurs faibles**: de l'indignité à la reconnaissance. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, p. 215-229, out. 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.4000/books.pur.13085>. Disponível em: <https://books.openedition.org/pur/13085>. Acesso em: 10 nov. 2023.

BREVIGLIERI, Marc. Pensar a dignidade sem falar de linguagem da capacidade em agir: uma discussão crítica sobre o pragmatismo sociológico e a teoria do reconhecimento de Axel Honneth. **Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política**, v. 6, n. 3, p. 10-34, jan.-jun. 2017. Disponível em: <https://hal.science/hal-01578016v2>. Acesso em: 9 nov. 2023.

BREVIGLIERI, Marc. Penser l'habiter, estimer l'habitabilité. **Tracés: Bulletin Technique de la Suisse Romande**, [s. l.], n. 23, p. 9-14, 2006b. Disponível em: <https://hal.science/hal-01578031v2>. Acesso em: 10 nov. 2023.

BREVIGLIERI, Marc; STAVO-DEBAUGE, Joan. Sous les conventions. Accompagnement social à l'insertion: entre sollicitude et sollicitation. In: EYMARD-DUVERNAY, François (dir). **L'économie des conventions, méthodes et résultats**. Paris: Éditions La Découverte, 2006. p. 129-144. (Tome II Développements). Disponível em: <https://hal.science/hal-03249430>. Acesso em: 9 nov. 2023.

BREVIGLIERI, Marc; THÉVENOT, Laurent. Le vivant en forme humaine et ses débordements. **Sociologies**, [s. l.], 2023. DOI: <https://doi.org/10.4000/sociologies.22031>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/sociologies/22031>. Acesso em: 12 dez. 2023.

COHN, Gabriel. As diferenças finais: de Simmel a Luhmann. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, p. 53-62, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69091998000300003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/pyLvVd9ZfCVFgV5Hcv9fvNN>. Acesso em: 11 nov. 2023.

DEPRAZ, Natalie. Delimitación de la emoción: acercamiento a una fenomenología del corazón. **Investigaciones Fenomenológicas**, Madrid, n. 9, p. 39-68, 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4047084>. Acesso em: 11 nov. 2023.

FERREIRA, Vítor Sérgio. Resgates sociológicos do corpo: esboço de um percurso conceptual. **Análise Social**, Lisboa, v. 48, p. 494-528, 2013. DOI: <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2013208.01>. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/analisesocial/article/view/23352>. Acesso em: 10 dez. 2023.

FUCHS, Thomas. Corporealized and disembodied minds: a phenomenological view of the body in melancholia and schizophrenia. **Philosophy, Psychiatry, & Psychology**, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 95-107, jan. 2005. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2005-15458-001>. Acesso em: 11 dez. 2023.

FUCHS, Thomas. Embodiment and personal identity in dementia. **Medicine, Health Care and Philosophy**, Boston, v. 23, n. 4, p. 665-676, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11019-020-09973-0>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11019-020-09973-0>. Acesso em: 11 dez. 2023.

FUCHS, Thomas. Intercorporeality and interaffectivity. In: MEYER, Christian; STREECK, J.; JORDAN, J. Scott (ed.). **Intercorporeality: emerging socialities in interaction**. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 3-24, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780190210465.003.0001>. Disponível em: <https://academic.oup.com/book/3962>. Acesso em: 11 dez. 2023.

FUCHS, Thomas. The phenomenology of body memory. In: KOCH, Sabine C.; FUCHS, Thomas; SUMMA, Michela; MÜLLER, Cornelia. (ed.). **Body memory, metaphor and movement**. Heidelberg: University of Heidelberg, 2012. (Advances in Consciousness Research, 84). Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/259976113\\_Body\\_Memory\\_Metaphor\\_and\\_Movement](https://www.researchgate.net/publication/259976113_Body_Memory_Metaphor_and_Movement). Acesso em: 11 dez. 2023.

GENARD, Jean-Louis. De la capacité, de la compétence, de l'*empowerment*, repenser l'anthropologie de la participation. **Politique et Sociétés**, [s. l.], v. 32, n. 1, p. 43-62, 2013. DOI: <https://doi.org/10.7202/1018720ar>. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/ps/2013-v32-n1-ps0839/1018720ar/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

GENARD, Jean-Louis. Une réflexion sur l'anthropologie de la fragilité, de la vulnérabilité et de la souffrance. In: PÉRILLEUX, Thomas; CULTIAUX, John (Dir.). **Destins politiques de la souffrance: Intervention sociale, justice, travail**. Paris: Eres, 2009. p. 27-46. DOI: <https://doi.org/10.3917/eres.peril.2009.01.0027>. Disponível em: <https://shs.cairn.info/destins-politiques-de-la-souffrance--9782749211367-page-27>. Acesso em: 10 nov. 2023.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 2002a.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002b.

LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra: memória e ritmos**. Lisboa: Edições 70, 1965. v. 2. (Perspectivas do Homem).

LUHMANN, Niklas. **Confianza**. Barcelona: Editorial Anthropos, 1996.

MAUSS, Marcel. **Sociologie et anthropologie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Éditions Gallimard, 1945.

MOLINIER, Pascale; PAPERMAN, Patricia. Descompartmentar a noção de cuidado? **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, DF, n. 18, p. 43-57, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2331>. Acesso em: 14 maio 2024.

MOTA, Rodrigo. Confiança e complexidade social em Niklas Luhmann. **Plural: Revista de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 182-197, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2016.113591>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113591>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MOTA, Rodrigo. Simmel e a confiança. **NORUS: Novos Rumos Sociológicos**, Pelotas, v. 5, n. 7, p. 25-39, 2017. DOI: <https://doi.org/10.15210/norus.v5i7.11069>. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/NORUS/article/view/11069>. Acesso em: 12 dez. 2023.

NOLAND, Carrie. Agentivité et incarnation: l'acte de faire, du geste à la culture. **Recherches en Danse**, [s. l.], 2021. DOI: <https://doi.org/10.4000/danse.3880>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/danse/3880>. Acesso em: 12 dez. 2023.

OGIEN, Albert; QUÉRÉ, Louis. **Les moments de la confiance** : connaissance, affects et engagements. Paris: Economica, 2006. (Études Sociologiques).

PAPERMAN, Patricia. **Cuidado y sentimientos**. Buenos Aires: Fundación Medifé Edita, 2019. (Horizontes del Cuidado). Disponível em: <https://www.fundacionmedife.com.ar/sites/default/files/Edita/Cuidado-y-Sentimientos.pdf>. Acesso em: 14 maio 2024.

PETERS, Gabriel. Ordem social e (in)segurança ontológica: esboços de existencialismo sociológico em Peter Berger, Anthony Giddens e Pierre Bourdieu. **Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais**, João Pessoa, v. 1, n. 40, abr. 2014, p. 117-150, Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/politicaetrabalho/article/view/20145>. Acesso em: 9 nov. 2023.

QUÉRÉ, Louis. Confiance et reconnaissance. **Social Science Information**, [s. l.], v. 50, n. 3-4, p. 375-390, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1177/0539018411411020>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0539018411411020>. Acesso em: 10 nov. 2023.

RICOEUR, Paul. **Soi-même comme un autre**. Paris: Seuil, 1990.

SERRES, Michel. **Diálogo sobre a ciência, a cultura e o tempo**: conversas com Bruno Latour. Lisboa: Edições Instituto Piaget, 1996.

STAVO-DEBAUGE, Joan. Des “événements” difficiles à encaisser. Un pragmatisme pessimiste. In: CEFAÏ, Daniel; TERZI, Cédric (Dir.). **L'expérience des problèmes publics**. Paris: Éditions l'EHESS, 2012a. p. 91-223. (Raisons Pratiques, 22). DOI: <https://doi.org/10.4000/books.editionsehess.19522>. Disponível em: <https://books.openedition.org/editionsehess/19592>. Acesso em: 13 nov. 2023.

STAVO-DEBAUGE, Joan. L'indifférence du passant qui se meut, les ancrages du résidant qui s'émeut. In: CEFAÏ, Daniel; PASQUIER, Dominique. (Dir.). **Les sens du public**. Paris: PUF, 2003. p. 347-371. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/322332072\\_L'indifference\\_du\\_passant\\_qui\\_se\\_meut\\_les\\_ancrages\\_du\\_residant\\_qui\\_s'emeut](https://www.researchgate.net/publication/322332072_L'indifference_du_passant_qui_se_meut_les_ancrages_du_residant_qui_s'emeut). Acesso em: 13 nov. 2023.

STAVO-DEBAUGE, Joan. Le concept de hantises: de Derrida à Ricoeur (et retour). **Études Ricœuriennes/ Ricoeur Studies**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 128-148, 2012b. DOI: <https://doi.org/10.5195/errs.2012.132>. Disponível em: <http://ricoeur.pitt.edu/ojs/index.php/ricoeur/article/view/132>. Acesso em: 13 nov. 2023.

STAVO-DEBAUGE, Joan. Sous les catégorisations, de l'allure du nouveau venu à la “culture” de l'étranger, **SociologieS**, [s. l.], 2021. DOI: <https://doi.org/10.4000/sociologies.17828>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/sociologies/17828>. Acesso em: 13 nov. 2023.

TAYLOR, Charles. **Le malaise de la modernité**. Paris: Les Éditions du Cerf, 2005.

THÉVENOT, Laurent. 14. Reconnaissances: avec Paul Ricoeur et Axel Honneth. In: CAILLÉ, Alain. (Dir.). **La quête de reconnaissance**: nouveau phénomène social total. Paris: La Découverte, 2007. p. 269-283. DOI: <https://doi.org/10.3917/dec.caill.2007.01.0269>. Disponível em: <https://shs.cairn.info/la-quete-de-reconnaissance--9782707153326-page-269>. Acesso em: 9 nov. 2023.

THÉVENOT, Laurent. Des Liens du Proche aux Lieux du Public: Retour sur un Programme Franco-Russe Pionnier. **Revue d'Études Comparatives Est-Ouest**, [s. l.], v. 48, n. 3-4, p. 7-43, 2017. DOI: <https://doi.org/10.3917/receo.483.0007>. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-d-etudes-comparatives-est-ouest1-2017-3-page-7.htm?ref=doi>. Acesso em: 9 nov. 2023.

THÉVENOT, Laurent. Faire entendre des voix muettes : un engagement corporel en présence et sa mise en commun politique et critique. **SociologieS**, [s. l.], 2020a. DOI: <https://doi.org/10.4000/sociologies.15483>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/sociologies/15483>. Acesso em: 10 dez. 2023.

THÉVENOT, Laurent. Grand résumé de L'Action au pluriel. Sociologie des régimes d'engagement. **SociologieS**, [s. l.], 2011. DOI: <https://doi.org/10.4000/sociologies.3572>. Disponível em: <http://sociologies.revues.org/3572>. Acesso em: 9 nov. 2023.

THÉVENOT, Laurent. L'action qui convient. In: PHARO, P.; QUÉRÉ, L. (ed.). **Les formes de l'action**. Paris: Éditions l'EHESS, 1990. p. 39-69. (Raisons Pratiques, 1). Disponível em: <http://gspm.ehess.fr/docannexe.php?id=554>. Acesso em: 10 dez. 2023.

THÉVENOT, Laurent. La grande décentration. **Revue du Mauss**, [s. l.], n. 56, Paris, p. 77-91, 2020b. DOI: <https://doi.org/10.3917/rdm.056.0077>. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-du-mauss-2020-2-page-49>. Acesso em: 10 dez. 2023.

THÉVENOT, Laurent. Le régime de familiarité. Des choses en personnes. **Genèses**, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 72-101, jan. 1994. DOI: <http://dx.doi.org/10.3406/genes.1994.1262>. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/genes\\_1155-3219\\_1994\\_num\\_17\\_1\\_1262](https://www.persee.fr/doc/genes_1155-3219_1994_num_17_1_1262). Acesso em: 10 dez. 2023.

THÉVENOT, Laurent. Os passivos da humanidade comum. In: WERNECK, Alexandre; FERREIRA, Leticia. (org.). **Questões de moral, moral em questão**: estudos de sociologia e antropologia das moralidades. Rio de Janeiro: Mórula, 2023. p. 48-108.



THÉVENOT, Laurent. Voicing concern and difference: from public spaces to common-places. **European Journal of Cultural and Political Sociology**, [s; l.], v. 1, n. 1, p. 7-34, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/23254823.2014.905749>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/23254823.2014.905749>. Acesso em: 10 dez. 2023.

THÉVENOT, Laurent. Which road to follow? The moral complexity of an “equipped” humanity. *In*: LAW, John; **Complexities**: social studies of knowledge practices. Editor: Annemarie Mol. Durham; Londres: Duke University Press, maio 2002. p. 53-87. DOI: <https://doi.org/10.1215/9780822383550-003>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctv113144n.5>. Acesso em: 10 dez. 2023.

TROM, Danny. Grammaire de la mobilisation et vocabulaires de motifs. *In*: CEFĂI, Daniel; TROM, Danny. (Dir.). **Les formes de l'action collective**. Paris: Editions de l'Ecole des hautes études en sciences sociales, 2001. p. 99-134. (Raisons Pratiques, 12). DOI: <https://doi.org/10.4000/books.editionsehess.10846>. Disponível em: <https://books.openedition.org/editionsehess/10846>. Acesso em: 11 dez. 2023.

TRONTO, Joan Claire. **Caring Democracy**: Markets, Equality and Justice. Nova Iorque: New York University Press, 2013.